



## **O Movimento Zeitgeist e Milton Santos: uma análise das semelhanças em suas visões de um novo mundo possível<sup>1</sup>**

Eric B. FERNANDES<sup>2</sup>

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Sobre a crítica ao modelo hegemônico de gerência da civilização contemporânea e a proposta de mudança deste modelo sugerida pelo Movimento Zeitgeist, em suas muitas semelhanças com o pensamento do intelectual brasileiro Milton Santos, que em sua obra *Por uma outra globalização* vislumbrou o surgimento de uma consciência que é hoje representada pelo pensamento do movimento social em questão, e mais especificamente por sua proposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidadania; Economia; Globalização

“Nossa insistência sobre o papel da ideologia deriva da nossa convicção de que, diante dos mesmos materiais atualmente existentes, tanto é possível continuar a fazer do planeta um inferno, (...) como também é viável realizar o seu contrário.” (SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal 6\* ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001. p.14)

Este trabalho resulta de uma monografia produzida em 2011 pelo mesmo autor no curso de pós-graduação Lato Sensu da Faculdade Cásper Líbero, na especialização em Teorias e Práticas da Comunicação. Na ocasião, foi feita uma análise do pensamento crítico, das propostas e da comunicação do Movimento Zeitgeist (MZ), em que se observou que diversos temas abordados pelo grupo também eram analisados por alguns pensadores que tinham três coisas em comum: sua contemporaneidade, suas raízes epistemológicas aproximadas ao marxismo e o fato de serem estudados dentro do curso mencionado. Entre eles estão Zygmunt Bauman, Naomi Klein, Milton Santos e Cláudio Novaes Pinto Coelho, que foi também o orientador da pesquisa.

O presente texto focará os mesmos três aspectos do MZ (pensamento, proposta e comunicação) e a relação fundamental do movimento com uma única obra, “Por uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Especialista em Teorias e Práticas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, email: [ericbortolato@uol.com.br](mailto:ericbortolato@uol.com.br)



outra globalização” (2001), de Milton Santos. Essa relação advém do fato de ambos, o autor e o movimento, em particular o seu fundador, Peter Joseph, fazerem uma análise crítica da forma como a globalização é gerida pelos poderes hegemônicos, defenderem uma nova globalização possível e mais justa e tratem dos métodos pelos quais são impostas dificuldades para o fomento de uma forma de viver mais desatrelada da ideologia da economia de mercado, ou pelos quais é metodicamente estabelecida essa ideologia. Mas antes, faz-se necessário informar o leitor a respeito do movimento.

Para começar, o MZ é um grupo de pessoas que dividem uma mesma linha de raciocínio acerca da forma como são geridos os recursos do planeta, o que considera, portanto, a economia global e os desdobramentos práticos da ideologia desta gerência pela humanidade. Fundado em outubro de 2008, mais de meio milhão de membros se cadastraram pela Internet nos dois primeiros anos. Em 2012, o Z-Day, dia em que são realizados eventos organizados pelo movimento, aconteceu em 45 países. O site do capítulo brasileiro afirma haver mais de sete mil e quinhentos inscritos no país e já foram estabelecidos quinze capítulos regionais.

O cineasta norte-americano Peter Joseph fundou o movimento após lançar o segundo filme da série *Zeitgeist*. Em 2012 deve sair o quarto filme. Em todos eles, Joseph critica principalmente o sistema econômico, apresentando, finalmente, uma tese que é a obsolescência do *modus operandi* societário atual, globalizado, e uma profunda reforma nos níveis mais fundamentais da política - historicamente fruto de uma complexa rede de poderes que ao longo do tempo usaram a violência para impor ideologias e desencorajar o pensamento livre e a comunicação dos espíritos. Ao redor do mundo, pessoas interessadas nas ideias do movimento estão debatendo, criando festivais, intervenções públicas, palestras e conferências online, dividindo suas próprias sugestões a respeito de como podem depender menos da economia de mercado e sobre como fazer as mensagens atingirem mais pessoas.

O movimento defende a Economia Baseada em Recursos (EBR), termo cunhado pelo engenheiro, designer e intelectual Jacques Fresco, cujo trabalho foi de fundamental importância para a formação do MZ. A EBF significa o compromisso de toda a espécie humana pela documentação científica e a exploração eficiente de todos os recursos naturais disponíveis no planeta, de forma a oferecer a todos os indivíduos a melhor tecnologia alcançável em larga escala em todas as áreas que tocam seus direitos fundamentais, sem que haja desperdício, destruição ambiental, lixo desnecessário, tecnologias inferiores para classes sociais mais baixas, e se livrando das amarras da



cadeia produtiva do mercado, à qual não importa o mais eficiente, o mais limpo, ou o mais abundante, mas sim o mais rentável.

A visão de um mundo gerido pela Economia Baseada em Recursos presume a extinção de todo o sistema financeiro e do próprio dinheiro, visto agora como um recurso completamente obsoleto no esforço global pela melhoria da vida em sua totalidade. Sumiriam também as fronteiras políticas entre Estados e todas as pessoas poderiam se locomover livremente por todos os territórios, através dos melhores transportes possíveis de serem construídos com a maior eficiência e o mínimo de dano ao ambiente. Em todos os lugares haveria coisas completamente novas a se ver: as cidades seriam preches de verde e vida, os alimentos produzidos de forma natural, próximo às pessoas e pelas pessoas. Carros individuais cairiam em desuso. Combustíveis poluentes também. A noção de competição mercadológica seria desvinculada da noção de progresso, e com isso a educação seria renovada e o trabalho como o conhecemos seria revolucionado. Muitas pessoas que produziram muito mais em suas casas não precisariam mais trabalhar, se assim desejassem. Não haveria de fato a necessidade de trocar parte da vida por uma renda mensal porque o dinheiro não teria mais significado de troca, já que tudo o que a espécie humana conseguiu oferecer de melhor e mais duradouro a todas as pessoas sem exceção estaria presente. As pessoas estariam livres para levarem suas vidas de forma a explorar o conhecimento, a técnica, e o ofício que quisessem. Todo o conhecimento seria domínio público após ser produzido voluntariamente por quem pôde seguir seu potencial e sua vontade livremente, e provavelmente não contestaria a recompensa de ver seu trabalho desfrutado e difundido pela população, ao invés de esperar por uma distinção elevada diante dos demais, ou um acesso privilegiado aos frutos do desenvolvimento.

Claro que toda a política tradicional não teria lugar, uma vez que já foi declarado pelo mundo um projeto global de colaboração e qualquer um, em qualquer lugar, poderia se fazer ouvido na tomada de decisões. Não haveria líderes de governo, a gerência dos recursos não seria restrita a nenhuma classe de pessoas, e os trabalhos seriam exercidos por voluntários, técnicos e cientistas de forma a buscar as melhores soluções para a extração, distribuição e aplicação de recursos e esforços, sem o viés do interesse político ou financeiro.

Ao promover a mudança da ideia de propriedade privada pela ideia de acesso irrestrito, a Economia Baseada em Recursos garantiria, portanto, uma qualidade de vida generalizada muito superior àquela gozada mesmo pelos mais ricos, uma vez que



inúmeros problemas sociais que vão da criminalidade motivada pelo dinheiro às doenças psicossociais oriundas das tensões características do sistema político-econômico atual desapareceriam em sua maior parte. Em tempo, trata-se da reconfiguração da civilização por completo, através de valores comuns que levem em conta o planeta como um único complexo organismo. A escritora e ativista canadense Naomi Klein disse em entrevista ao documentário *The Corporation* (2003) que muitos grupos ativistas sabem contra o que lutam, mas não porque lutam, ou seja, não defendem uma reforma do pensamento diante da causa fundamental do problema específico, que é focado isoladamente pelas organizações. É isso que torna o MZ diferente, uma vez que é essa linha de raciocínio da Economia Baseada em Recursos, resumida acima, que fundamenta sua análise crítica do sistema gestor atual.

O pensamento do MZ parte do princípio de que o dinheiro, a religião, a política, o mercado, as relações de trabalho, as forças armadas, as leis, o entretenimento e etc., são aspectos da vida em sociedade tornados pilares de toda uma ideologia que sustenta as misérias contemporâneas dos homens e do mundo, uma perversão do sentido da vida terrena e diária, agora cuidada pelas regras do acúmulo e do desperdício.

A palavra *zeitgeist*, em alemão, significa “o espírito da era”, ou “o espírito do tempo”, portanto não é de estranhar que o movimento aborde muitas coisas. Por diversas mídias o grupo debate questões diversas, como os efeitos da publicidade e do consumismo nas relações humanas e do entretenimento industrial na disposição intelectual, crítica e produtiva das pessoas; a tecnologia tornada disponível para diferentes mercados; e inúmeros exemplos da permeabilidade e do efeito do raciocínio de *business* pelas muitas facetas da vida. Este é o mesmo raciocínio que alega serem a perversão e a competição aspectos intrínsecos do homem, um alibi muitas vezes usado para conferir ao modelo de administração de recursos, inteligências e ímpetos o seu caráter agora culturalmente perverso. O MZ nega que exista uma condição natural de torpeza nas pessoas e defende a total possibilidade de uma reorganização civilizatória que torne o aparelho repressivo do Estado, suas polícias, leis e prisões, absolutamente obsoleto.

Admitindo naturalmente as dificuldades de aceitação dessa estrutura de pensamento, que não somente é nova para quase todo mundo, como é minada pelos medos, angústias e prazeres típicos da ideologia do dinheiro e do consumo, os membros do movimento têm como objetivo expor ideias à sociedade. Ele não defende nenhuma crença senão a de que é possível reconstruir o mundo a partir de valores como a



sustentabilidade e a aplicação do conhecimento livre de mercado em benefício ao organismo do planeta como um todo. Em entrevista concedida ao autor deste texto em julho de 2011, na ocasião de algumas palestras que fora convidado a ministrar em Salvador-BA, Peter Joseph falou a respeito do trabalho do movimento:

“Nós temos que começar em algum lugar. O que está acontecendo hoje devido à ineficiência de nossos métodos postos em prática pelo sistema financeiro e de mercado do qual tanto falamos é que ele é completamente deslocado dos suportes da vida. Nós não temos mais a conveniência de seguir lidando com essas crenças obtusas, que não se relacionam a nada tangível. Para ir direto ao ponto, eu considero o modelo econômico tão religioso em suas posições quanto às mais dogmáticas crenças que as pessoas consideram reais. (...)

Eu estou muito ciente das crenças dicotômicas e da natureza tribal do mundo que existe hoje. Não é só o pensamento religioso, são nacionalismos e todas essas coisas separatistas, como o mercado e sua natureza competitiva, que é um projeto baseado na falsa presunção de que se todos competirem, de alguma forma se cria estabilidade social e sustentabilidade. E as pessoas acreditam nisso, o que é completamente paradoxal. Então é no método (EBR) que o MZ está pensando agora. É um método ainda “cru”, neste estágio, mas o que mais nós podemos fazer?” (Peter Joseph).

A citação acima parece definir bem o sentimento que move os membros do movimento, pois para eles tornou-se impossível viver de forma alheia às forças controladoras que nos cercam. Sua única opção é seguir a própria vida pelos preceitos que defendem, ainda que muitos se vejam obrigados a participar pelo seu trabalho do sistema que eles criticam para garantirem sua dignidade pessoal, e ajudarem no projeto de esclarecimento de temas que muitas vezes passam incólumes pela crítica popular. Vale anotar aqui esse aspecto da motivação dos movimentos sociais conforme o vê Milton Santos:

Na realidade, uma coisa são as organizações e os movimentos estruturados e outra coisa é o próprio cotidiano como um tecido flexível de relações, adaptável às novas circunstâncias, sempre em movimento. (...) Mas a obtenção de resultados, por mais compensadores que pareçam, não deve estimular a cristalização do movimento, nem encorajar a repetição de estratégias e táticas. Os movimentos organizados devem imitar o cotidiano das pessoas, cuja flexibilidade e adaptabilidade lhe asseguram um autêntico pragmatismo existencial e constituem a sua riqueza e fonte principal de veracidade. (2001: 134)



E mais adiante:

Ousamos, desse modo, pensar que a história do homem sobre a Terra dispõe afinal das condições objetivas, materiais e intelectuais, para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória. Aqui, não se trata de estabelecer datas, nem de fixar momentos da folhinha, marcos num calendário. (2002: 173)

Na citação acima, vemos também a proximidade de Santos com uma das questões cruciais do raciocínio da EBR, que é a reutilização das técnicas que temos hoje de forma extensa e de acesso livre a todos. Essas técnicas compreendem não somente o campo da tecnologia, mas também do conhecimento como um todo.

“Hoje, tanto os objetos quanto as ações derivam da técnica. As técnicas estão, pois, em toda parte: na produção, na circulação, no território, na política, na cultura. Elas estão também— e permanentemente — no corpo e no espírito do homem.” (2001: 128). Essa reutilização de técnicas, na visão do MZ, é a possibilidade de retirar do exercício produtivo sua dependência financeira, partindo do princípio de que as mesmas coisas que podemos produzir hoje também poderiam ser produzidas sem envolver o dinheiro, desde que houvesse colaboração de técnicas para trabalhar os materiais essenciais à produção de qualquer coisa necessária ou quista. A palavra “necessidade” é muito presente nos discursos de Santos e do MZ. Joseph diz que a compreensão das necessidades humanas em todos os aspectos, a exemplo da saúde do corpo e da mente e da estrutura física das áreas urbanas, é o que importa. É o que ele chama de “valor da sequência da vida”, em oposição ao “valor da sequência do dinheiro”, já que esta última atrela a lógica da sequência de cédulas palpáveis ou virtuais ao bem-estar social, o que cai em paradoxo, já que a economia de mercado tem a produção de escassez e desequilíbrio como características inerentes. Afirmo Milton Santos:

Fundado numa ideologia, esse dinheiro sem medida se torna a medida geral, reforçando a vocação para considerar a acumulação como uma meta em si mesma. Na realidade, o resultado dessa busca tanto pode levar à acumulação (para alguns) como ao endividamento (para a maioria). Nessas condições, firma-se um círculo vicioso dentro do qual o medo e o desamparo se criam mutuamente e a busca desenfreada do dinheiro tanto é uma causa como uma consequência do desamparo e do medo. (56)

Outro ponto em comum entre o geógrafo e o movimento é a necessidade como criação sistemática do aparelho comunicador do mercado, onde toda uma gama de



produtos, relações e ideias são disseminadas pela sociedade de acordo com a ideologia hegemônica. Desse modo, a produção já não visa à satisfação das necessidades humanas, mas às necessidades que são criadas pelo próprio modo de vida e as relações com pessoas físicas e jurídicas no exercício cotidiano. E a velocidade com que essas relações com os produtos e ideias são repostas por outras é controlada racionalmente através da ideologia hegemônica em poder das técnicas, no contexto da propriedade do conhecimento reconhecida como legítima. Assim, o sistema acaba sendo naturalmente criador de desigualdades, visto que o sentimento de escassez gerado pela produção de necessidades atinge mais pessoas, sendo elas possuidoras de bens e de acesso irrestrito aos Direitos Humanos ou não. “O homem, cada homem, é afinal definido pela soma dos possíveis que lhe cabem, mas também pela soma dos seus impossíveis.” (2001: 129).

Ao mesmo tempo, com a comunicação interativa possibilitada a mais pessoas, que é uma característica fundamental do processo de globalização, mais pessoas também podem vir a tomar conhecimento de ideias não produzidas pela cultura de massa ou de qualquer forma atrelada à produção “de cima para baixo”, mercadológica. Com mais técnicas nas mãos das pessoas, é natural que se produza uma série de soluções populares, disseminadas horizontalmente pela população, que, agora possibilitada a uma comunicação mais franca de ideias próprias, torna-se mais crítica ao modelo atual e acelera sua tomada de consciência. Esse processo é, paradoxalmente, ajudado pelo próprio sentimento de escassez produzido em larga escala e acometedor, agora, também das classes médias:

A certeza de não mais influir politicamente é fortalecida nas classes médias, levando-as, não raro, a reagir negativamente, isto é, a desejar menos política e menos participação, quando a reação correta poderia e deveria ser exatamente a oposta.

A atual experiência de escassez pode não conduzir imediatamente à desejável expansão da consciência. E quando esta se impõe, não o faz igualmente, segundo as pessoas. Visto esquematicamente, tal processo pode ter, como primeiro degrau, a preocupação de defender situações individuais ameaçadas e que se deseja reconstituir, retomando o consumo e o conforto material como o principal motor de uma luta, que, desse modo, pode se limitar a novas manifestações de individualismo. É num segundo momento que tais reivindicações, fruto de reflexão mais profunda, podem alcançar um nível qualitativo superior, a partir de um entendimento mais amplo do processo social e de uma visão sistêmica de situações aparentemente isoladas. O passo seguinte pode levar à decisão de participar de uma luta pela sua transformação, quando o consumidor assume o papel de cidadão. Não importa que esse movimento de tomada



de consciência não seja geral, nem igual para todas as pessoas. O importante é que se instale. (138)

Já mencionado mais acima como parte do raciocínio da EBR, a colaboração de intelectos e técnicas tornado independente da ideologia do dinheiro quebraria com a relação de poder pressuposta “de cima para baixo”, e apesar de muitas pessoas inicialmente resistirem de forma individualista, os conhecimentos propiciariam que todas as localidades geográficas dispusessem de todas as técnicas essenciais ao completo desfrute da dignidade pela liberação física do trabalho repetitivo e pelo acesso à mesma qualidade de vida de qualquer outro lugar, privilegiando-se a relação do homem com o seu ambiente. Esse raciocínio é outro ponto defendido também por Santos:

Na divisão do trabalho por baixo, o que se produz é uma solidariedade criada de dentro e dependente de vetores horizontais cimentados no território e na cultura locais. Aqui são as relações de proximidade que avultam, este é o domínio da flexibilidade tropical com a adaptabilidade extrema dos atores, uma adaptabilidade endógena. A cada movimento novo, há um novo reequilíbrio em favor da sociedade local e regulado por ela. (2001: 146)

### **Crítica à ideologia do dinheiro**

Em sua análise do sistema monetário norte-americano no filme *Addendum*, Peter Joseph descreve a trajetória do dinheiro a partir de sua criação. Ele discorre sobre como o Federal Reserve, o banco central norte-americano, cria e entrega dinheiro ao governo em troca de títulos, *bonds*, que são basicamente notas promissórias que incorporam um valor abstrato baseado no comum acordo entre as instituições governamentais e financeiras. O dinheiro passaria a partir daí por uma série de transações entre contas em diferentes bancos sendo guiado por uma legislação que permite que ele seja multiplicado, criando no processo a mesma quantia em dívida, desde sua criação original. Como tanto a dívida quanto o dinheiro são administrados pelos diferentes setores do mercado através de instituições financeiras, como ocorre nas bolsas de valores, e todos os lados estão em franca competição por lucros, temos que as dívidas também acabam sendo entregues ao controle da mesma racionalização hegemônica,



tudo baseado num acordo proposto absolutamente “de cima para baixo”. O resultado disso, segundo Joseph, é uma distribuição desigual não somente do dinheiro, mas também da dívida, e neste sistema alguém terá sempre de arcar com a dívida. Por conta disso, torna-se contraditória a própria noção da competição por lucros em que se baseia a conquista do bem-estar social, uma vez que, ainda de acordo com Joseph, 1% da população controla cerca de 40% da riqueza em todo o mundo.

A lógica de competição por lucros é empregada por corporações e governos porque a própria sobrevivência desta economia e a consequente estabilidade social dependem disso. Em outras palavras, o dinheiro deixou de ser teoricamente uma riqueza que poderia eventualmente ser controlada pelo raciocínio lógico para o bem-estar de toda a população do planeta (através de políticas democráticas e capitalistas), e adquiriu, nas palavras de Milton Santos, uma autonomia:

Nas condições atuais de economia internacional, o financeiro ganha uma espécie de autonomia. Por isso, a relação entre a finança e a produção, entre o que agora se chama economia real e o mundo da finança, dá lugar àquilo que Marx chamava de loucura especulativa, fundada no papel do dinheiro em estado puro. Este se torna o centro do mundo. É o dinheiro como, simplesmente, dinheiro, recriando seu fetichismo pela ideologia. (2001: 44).

Na obra analisada para este trabalho, Milton Santos não chega a falar dos paradoxos originais da produção do dinheiro e também não sugere explicitamente sua abolição, mas coloca sob perspectiva as regras da internacionalização do crédito e da dívida, debatendo também o próprio impacto da manifestação ideológica do dinheiro e do consumo no acondicionamento crítico das populações:

Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão. (2001: 48)

O MZ não defende a participação política pelo formato teoricamente representativo do povo que é a democracia moderna, uma vez que esta mantém os mesmos interesses financeiros em pauta, mas a crítica a respeito do impacto dessa ideologia é a mesma de Santos e ambos chamam atenção para o sintoma do pleno consumo em detrimento da plena cidadania.

Segundo o geógrafo, há em curso no planeta a consolidação de um “motor único” (motor sendo “o conjunto de técnicas”) onde antes (no imperialismo) havia um



motor para cada país hegemônico. Essa consolidação, na opinião do autor, fundamenta uma “mais-valia universal”, tornada possível pela mundialização dos processos produtivos, dos lucros, das dívidas, afastando do controle das sociedades e Estados o acesso a bens de consumo, à informação, educação, saúde e de quaisquer outros “produtos” que participem dos mesmos processos de geração de lucro dos demais produtos geralmente relacionados ao livre mercado. Temos aí que os elementos indispensáveis para a vida plena e digna passam a ser adquiridos pelo poder de compra individual, e não mais de uma sociedade ou mesmo dos Estados.

Daí a brutal distorção do sentido da vida em todas as suas dimensões, incluindo o trabalho e o lazer, e alcançando a valoração íntima de cada pessoa e a própria constituição do espaço geográfico. Com a prevalência do dinheiro em estado puro como motor primeiro e último das ações, o homem acaba por ser considerado um elemento residual. Dessa forma, o território, o Estado-nação e a solidariedade social também se tornam residuais. (2001: 147)

No filme “Zeitgeist: Moving Forward”, John Perkins (ativista creditado como “ex-assassino econômico” - profissão na qual ajudou a derrubar governos sul-americanos e em que falhou ao participar, assumidamente, da tentativa de golpe ao presidente Hugo Chávez, da Venezuela) nos ajuda a entender a deformação da economia, não somente como ciência, mas em seu significado literal: “Na verdade, economistas não são nenhum pouco economistas, são propagandistas do valor do dinheiro”. E Peter Joseph conclui: “Eu pensava que uma economia devesse economizar. O próprio termo já não tem a ver com preservação, eficiência e redução de desperdícios? Então como um sistema que exige o máximo de consumo pode eficientemente preservar ou economizar? Bem, ele não faz isso”.

O maior destruidor da ecologia, a maior fonte de desperdício e poluição, o maior disseminador de violência, guerra, crime, desumanidade, pobreza e distorção social; o maior gerador de neuroses sociais e pessoais, desordens mentais, depressão, ansiedade; e a maior fonte de paralisia social que nos impede de mudar para novas metodologias de sustentabilidade global e, portanto, de progresso neste planeta, não é algum governo, alguma legislação, nem alguma corporação, monopólio ou cartel, ou tampouco alguma falha da natureza humana... É, de fato, o próprio sistema econômico em sua base fundamental. (Peter Joseph. Social Pathology. 2010).



Disse Milton Santos: “E a finança move a economia e a deforma, levando seus tentáculos a todos os aspectos da vida. Por isso, é lícito falar de tirania do dinheiro” (2001: 44).

### **A transição**

Como vimos, a proposta da EBR advém da mudança de algumas prioridades do modo como vivemos. A visão de mundo do MZ envolve a consideração de toda a humanidade como uma única espécie e de todo o planeta como um único sistema, do qual dependemos completamente. Depois que essa conclusão for verdadeiramente dividida por um grupo de pessoas, o próximo estágio é o de uma nova proposta para a gerência dos recursos deste planeta de forma científica, não-ideológica e eficiente, visando à colaboração dos intelectos e das técnicas para que os frutos do desenvolvimento humano e tecnológico sejam de todos os indivíduos, de forma a considerar as idiossincrasias de seus ambientes naturais regionais. Todas essas ideias são encontradas no pensamento de Milton Santos, cuja obra analisada aqui foi lançada oito anos antes da fundação do MZ.

“O ponto de partida para pensar alternativas seria, então, a prática da vida e a existência de todos. A nova paisagem social resultaria do abandono e da superação do modelo atual e sua substituição por um outro, capaz de garantir para o maior número a satisfação das necessidades essenciais a uma vida humana digna, relegando a uma posição secundária necessidades fabricadas, impostas por meio da publicidade e do consumo conspícuo.” (2001: 148)

A diferença mais importante entre o que vislumbram Santos e os membros do MZ está na questão do abandono completo do uso do dinheiro. Como veremos a seguir, o geógrafo estava preocupado com o remanejamento dos investimentos, de forma a priorizar o homem ao invés do mercado, pela obrigatoriedade de inserir-se na economia global, através do argumento de que é o mercado que trará o bem-estar social a todos.

Assim o interesse social suplantaria a atual precedência do interesse econômico e tanto levaria a uma nova agenda de investimentos como a uma nova hierarquia nos gastos públicos, empresariais e privados. (...) Num mundo em que fosse abolida a regra da competitividade como padrão essencial de relacionamento, a vontade de ser potência não seria mais um norte para o comportamento dos estados, e a idéia de mercado interno será uma preocupação central. (149)



Por fim, podemos nos aventurar a dizer que o MZ representa a concretização da previsão feita por Milton Santos de como tomaria forma uma consciência global que ousasse não somente criticar o modelo hegemônico sob o qual vive, mas também compreendê-lo em suas relações de causalidade com a qualidade de vida de toda a humanidade. Eventualmente, tal consciência sugeriria, a partir de sua observação sistemática do mundo, um novo modelo para a sua gerência, que podemos dizer estar representado aqui pela Economia Baseada em Recursos, uma linha de raciocínio que visa retornar os consumidores à sua condição humana de transformadores de sua realidade e de cidadãos do mundo.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** 6\* ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

**Zeitgeist: The Movie.** Direção e produção: Peter Joseph. 2007.

[http://www.youtube.com/watch?v=a36\\_CwzA0bk](http://www.youtube.com/watch?v=a36_CwzA0bk)

**Zeitgeist: Addendum.** Direção e produção: Peter Joseph: 2008.

<http://www.youtube.com/watch?v=1gKX9TWRyfs>

**Zeitgeist: Moving Forward.** Direção e produção: Peter Joseph.

<http://www.youtube.com/watch?v=4Z9WVZddH9w>

**Social Pathology.** Palestra de Peter Joseph na universidade de Nova York. 2010.

<http://www.youtube.com/watch?v=jL3qdeKOxVc>